



# Blumenau

## em cadernos

TOMO XII - ★ MARÇO DE 1971 ★ - Nº. 3

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças  
à generosa contribuição dos seguintes  
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústria Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S. A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S. A.

Tecelagem Kühnrich S. A.

Electro Aço Altona S. A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S. A.

# Um Escritor Alemão Em Santa Catarina

Em 1863, o escritor alemão Frederico Gerstäcker, autor de romances de grande aceitação, de descrições de viagem por várias partes do mundo, escreveu um trabalho intitulado: "Achtzehn Monate in Süd-Amerika und dessen deutschen Colonien", no qual se refere à sua estada em Santa Catarina, mais propriamente na Ilha dêsse nome, fazendo interessantes referências às colônias alemãs da então Província. Traduzimos, para os leitores de "Blumenau em Cadernos", as páginas do referido trabalho, que se relacionam com a estada do autor em nosso Estado.

Vindo do Rio Grande do Sul, Gerstäcker entrou em território catarinense por Tôrres, fazendo o trajeto entre aquela cidade e Laguna a cavalo.

«A cidade de Laguna», em verdade, situa-se maravilhosamente, à margem de uma grande lagoa, pela qual mantém, igualmente, uma comunicação bastante regular com o interior. Além disso, ela conta com um pôrto bem bom e seguro para pequenas embarcações marítimas, embora a sua entrada também não seja boa, ainda que não tão ruim como a barra do Rio Grande. Mas o canal, segundo parece, só se presta mesmo para embarcações que navegam na lagoa, e também para pequenas escunas. Poderia ser melhor usado se fôsse dragado e com o mar calmo. Não sei se alguém já pensou nessa providência; mas o lugar teria muito maior expressão se fôsse estabelecida uma ligação mais certa entre as províncias de Santa Catarina e a do Rio Grande do Sul.

Agora Laguna parece um ninho triste, onde eu nem sequer encontrei um patricio e com o meu mau português muito tive que me martirizar. E apesar disso, eu queria passar ali um dia inteiro para dar descanso aos animais, depois da aventura aquática de que participaram ontem, quando, casualmente, tive notícias de um certo engenheiro alemão, que estivera algum tempo pelas imediações, procedendo a várias medições de terras e que estaria com idéias de partir naquele dia mesmo para Santa Catarina (Destêro) onde tinha sua residência.

Como eu mesmo não tivesse conseguido, na cidade de Laguna, nenhum guia que me orientasse, a companhia daquele não me poderia ser mais desejável, para

prosseguir a viagem. Havia porém, uma única dificuldade, era encontrá-lo, se ainda êle estivesse lá, pois já havia deixado o alojamento.

Mas sempre consegui-o. Tratava-se de um jovem alemão, de boa família, um senhor von Brause que também recebeu-me feliz em ter-me por companheiro de viagem. E na mesma tarde, partimos dali, por estradas regularmente boas, não forçando, assim, os nossos animais a uma marcha de dia inteiro.

A nossa cavalgada até Santa Catarina, que durou ainda quase três dias, não apresentou nada de extraordinário, além de cenários cada vez mais encantadores, principalmente no terceiro dia, quando empreedemos uma maravilhosa caminhada através de uma zona muito povoada e com lindas chácaras.

Embora não integrando a região intertropical a ilha de Santa Catarina, situada no 27º. de latitude sul, encontrei eu aqui exclusivamente vegetação tropical e cada sítio tem o seu pequeno trato de cana de açúcar, o seu pequeno cafézal, regular número de bananeiras e um verdadeiro pomar de laranjeiras em flor e em frutos. Ao redor das casas crescia, além disso, uma porção de flôres, especialmente entre elas uma velha conhecida, a «rosa sinensis», ou a flor de lustro dos malaioes, que com ela lustravam os sapatos dos europeus.

A vista de tudo isso me fez muito bem e o meu acompanhante, que já vivia há alguns anos como agrimensor do govêrno nesta província, sem qualquer interêsse

pessoal, pois, não havia adquirido terras em parte alguma para êle próprio, pôde fornecer-me as informações que mais me interessavam, ou seja, sôbre a situação das colônias alemãs na província.

Êle conhecia, principalmente, muito bem Blumenau, Dona Francisca e Brusque, pois constantemente medira terras no Itajaí e disse-me, além disso, que em Santa Catarina eu encontraria outras pessoas que estariam em condição de dar-me, de ciência própria, todos os esclarecimentos que eu desejasse. Além disso, desejava visitar eu mesmo as Colônias e, assim, não poderia pretender melhores informações iniciais.

Por aqui, em tôda parte se encontram espalhados moradores alemães; em grande parte gente que para aqui veio às custas do govêrno e que depois abandonou as colônias para se estabelecer a seu bel prazer, onde melhor lhe parecesse.

Sempre, e no meu entende com tôda razão, surgem grandes reclamações quando o govêrno deixa de cumprir algumas cláusulas do contrato que celebra com os colonos. Isso, contudo, provoca a reação da outra parte e é justamente o que o imigrante alemão deseja, pois menos lhe importa o cumprimento do contrato do que o aparecimento de uma feliz oportunidade de melhorar as suas próprias condições.

Isso eu já havia constatado no Perú, no Chile e nos países platinos e até mesmo no Equador e o Brasil forneceu-me idênticos exemplos e em grande número.

Uma grande porção de imigran-

tes, que havia vindo por conta do govêrno e que em sua pátria havia aceitado, com alegria e gratidão, o convite para estabelecer-se neste país, numa determinada Colônia, onde aos poucos pagariam êles as importâncias que lhes foram adiantadas, mal puseram pé na terra estranha, onde haviam chegado sem fazer despesa alguma e logo na primeira oportunidade que se lhes ofereceu de ganhar dinheiro com as suas ferramentas, quebraram o contrato, sem o menor escrúpulo de consciência. Não lhes passa pela mente, nem por sonhos, que a tais contratos êles ligaram o seu próprio sentimento de justiça e de honra e acostumados na Alemanha - o que infelizmente, é muito comum - a olhar o govêrno como um inimigo inacessível, com o qual vivem em guerra constante, transferem essa convicção aos governos das terras para onde emigram e que só benefícios lhes fizeram e mereciam por isso, a sua gratidão.

Eu, absolutamente, não exagero, pois tive exemplos disso, na Alemanha, até mesmo em coisas insignificantes. Um criado ou um campones alemão, por exemplo, não sentirá o mínimo remorso em furta lenha em uma floresta senhorial. Pois ela pertence sòmente ao govêrno e êste que se dane... Isso não aconteceria se o terreno fôsse de um particular. Que uma tal ação, praticada mesmo em terras públicas, é um furto condenável não lhe acode à mente. Do contrário, êle se envergonharia diante de sua própria familia, de seus filhos, de havê-lo cometido.

Assim, também pouco se lhe dá a obrigação, que assumiu, de cooperar, com o seu trabalho, para

o desenvolvimento de todo o país, o que, aliás, é o que os governos estrangeiros têm unicamente em vista quando fornecem passagem aos emigrantes, mas tão logo o prato da balança de suas próprias conveniências pende para o outro lado, êle foge dos compromissos e joga-se para a nova direção.

Diante da Ilha de Santa Catarina situa-se, também, uma pequena Colônia Alemã que mantém comunicação muito ativa com essa ilha, assim como nas suas circunvizinhanças, no Continente. Sobre tudo aqui para o norte e nordeste da Província se encontram alemães espalhados e prosperando. E embora não em abundância, vivem sem preocupações, conforme eu mesmo tive oportunidade de constatar.

#### A Ilha de Santa Catarina e as vizinhas Colônias Alemãs

A Ilha de Santa Catarina acha-se, realmente, em situação maravilhosa e já durante a nossa cavalgada em sua direção, quando nos aproximávamos da praia, ou galgávamos alguma elevação, donde se podia descortinar ao longe, ela nos aparecia, entre muitas outras pequenas ilhas, coberta de densa mata verdejante, numa visão agradável e cordial.

Além do mais, Santa Catarina sempre fôra, de forma excepcional, desde a minha mocidade, a principal meta de meus planos de viagem, sem que eu, até agora, tivesse podido realizar o meu sonho de conhecê-la. Certa ocasião, num velho livro, - de que autor? Não me lembro mais - eu lera uma descrição escaldante dessa Ilha e segundo a qual ela estaria

coberta de coqueiros, e os coqueiros eram, então, para mim como que um imã, pois, representavam todo o cenário tropical que eu imaginava.

Anos mais tarde, quando eu já havia percorrido uma parte do mundo, passei a considerar as coisas com maior segurança, sabendo, assim, que Santa Catarina situava-se uma boa distância abaixo da linha tropical e que, um tal clima não era próprio para habitat de coqueiros. Isso porém, pouco importou. Santa Catarina há muito morava em meu coração para que essas ninharias pudessem fazer desaparecer o encanto que ela em mim exercia, e quando eu, por fim, depois de uma longa e cansativa cavalgada, vi-a à distância, envolta em neblina, senti como se, realmente, se concretizasse e adquirisse vida uma velha lenda dos tempos de minha juventude.

A ilha, aliás, que se estende por várias léguas ao longo da costa e que, segundo tôdas as probabilidades, já fôra parte do continente é, ainda agora, separada dêste por um estreito, mas bem profundo braço de mar e, realmente, tão estreito que um cavalo pode atravessar a nado, o que, de fato e bastante comumente acontece. Não quis, porém, que os meus cansados animais fizessem o mesmo e, por isso, confiei-os à pessoa de confiança no Continente para que ela depois os passasse em uma balsa (duas canoas sob um soalho de madeira) para o outro lado e lá os vendesse, porque mesmo que eu tivesse de prosseguir a viagem por terra, teria, para tanto, de adquirir animais descansados, ou então, deixar repousar os meus por

algumas semanas.

Transportou-nos então à Ilha uma daquelas magnificas e muito bem feitas canoas brasileiras e que eu, realmente, não vira ainda em todo o mundo outras mais elegantes e práticas. Impulsionados por fresca brisa fomos ao encontro da pequena e cordial cidade que se espraiava diante da baía, dominada ao fundo por morros de certa altura, cobertos de mato.

A ilha tem uma excelente situação geográfica e um pôrto muito bom no canal entre ela e o continente e que é o único aproveitável daqui até as divisas do sul do Império. Qualquer navio pode entrar e sair dêle com qualquer vento, pois, tanto podem velejar para o norte como para o sul e a pequena cidade já se apresenta como o ponto principal de exportação para as diversas e importantes Colônias de Santa Catarina. Aqui aportam também os vapores que vêm do Rio Grande e do Rio de Janeiro e se fôr construída uma estrada de ferro do continente para o sul, por certo a cidade se tornará um dos mais importantes centros comerciais do Brasil.

Também aqui eu encontrei um certo número de alemães, todos muito respeitados e estimados, médicos, negociantes e artezãos. Os últimos procediam, na maioria, das vizinhas colônias e muitos se davam bem e pensavam em aqui se estabelecer. Outros, regressavam às colônias de onde tinham vindo.

Vive aqui também um pintor alemão, um homem moço, que deixara o seu atelier em Dresde

para estudar a natureza do Brasil e por certo êle não teria encontrado lugar mais apropriado no mundo do que êste.

As indagações que fiz sôbre como poderia, pela melhor forma, ir visitar as colônias de Blumenau e Dona Francisca, já não muito distantes daqui, não me deram o resultado desejado. Existe, é verdade, entre Santa Catarina e São Francisco, que fica numa ilha em frente à qual está a Colônia Dona Francisca, uma linha de vapôres que, pelo nome, deveria ser regular. Mas Deus nos livre dos vapôres brasileiros, cujos barcos parece que se obrigaram a não manter, absolutamente, nenhuma regularidade nas suas viagens! Contra o vento, êsses barcos frágeis nem se movem do lugar; e com vento, quando um pouco forte, êles não se arriscam a sair. Assim, êles vivem, muitas vêzes, atrasados de semanas e, embora devam aportar, em Santa Catarina, mensalmente seis vapôres do norte e do sul, asseguraram-me os moradores da ilha que já houve tempo em que se passaram 28 dias seguidos sem que algum ali desse entrada.

Tivesse eu, pois, que esperar um dêsses vapôres, o que poderia demorar tanto 14 dias como 4 semanas, não deixaria de continuar na insegurança de que pudesse tomar o próximo barco dentro de um mês, e eu teria de gastar, assim, pelo menos, dois meses para fazer uma visita àquelas colônias. É verdade que, então, passaram por ali alguns veleiros, mas êstes ofereciam muito menor segurança, pois os brasileiros são maus marinheiros e, contra o vento, então, nem se arriscam. Quando acontece que não o tenham fa-

vorável, mesmo que não seja muito forte, ancoram sob a proteção de algum morro e ali permanecem. Quanto à perda de tempo os sul-americanos pouco se incomodam.

Dois meses mais, longe de casa! Eu não podia acostumar-me a êsse pensamento e sômente outro recurso se me oferecia, que era fazer a viagem por terra, podendo eu, assim, realizar tôda a excursão em, mais ou menos, três semanas, mas, para isso, precisava dinheiro e a minha bôlsa, em virtude dos muitos gastos que eu fôra obrigado a fazer, estava em situação bem crítica.

Além disso, algumas apreensões me sobressaltavam, sem que eu mesmo atinasse porque. Eu já me encontrava, novamente, há um ano e quatro meses fora de casa e as últimas cartas que eu de lá tivera datavam mais ou menos daquele tempo. No Rio de Janeiro esperavam-me outras cartas e, por isso, eu ansiava em chegar àquele pôrto. Se as noticias esperadas fôssem favoráveis e eu lá encontrasse, já de volta marcada, o navio para São Francisco, poderia, então regressar com êle e realizar o meu plano.

O próximo vapor para o Rio de Janeiro era esperado em, mais ou menos, oito ou dez dias, se nada houvesse em contrário e eu aproveitaria o tempo para, na ilha mesmo, conhecer tudo quanto possível, ouvindo e vendo, da vida dos alemães no Brasil.

E, para isso, lugar melhor que aquêle eu não poderia ter encontrado, pois não há colônia em todo o Brasil que ali não tenha os seus representantes, entre os quais uns quatro ou cinco poderiam fornecer-me as verdadeiras informações

que eu procurava.

Além disso, existia ali uma espécie de castelo, construído sobre o mar e ligado à ilha por um trapiche, a principal hospedaria dos imigrantes, para onde eram levados todos os colonos, que do Rio de Janeiro eram distribuídos à Província e onde os mesmos permaneciam até serem levados aos lugares do seu destino em algum barco ou vapor.

A «Casa dos Imigrantes», como êle era geralmente conhecido, estava, justamente por aquêl tempo, repleta de alemães, pois já havia bastante tempo que não soprava o vento sul fresco para que êles pudessem ser embarcados e muito menos haviam sido já medidos, nas diversas colônias, lotes de terra suficientes para que os mesmos colonos pudessem, sem maiores dificuldades, nêles estabelecerem-se.

As três mais importantes colônias nas vizinhanças eram, segundo já se disse, Blumenau, Dona Francisca e Brusque, a última assim chamada em homenagem a um dos presidentes anteriores.

As opiniões sobre essas colônias eram unânimes e extraordinariamente favoráveis principalmente à Blumenau, para onde seguiam todos os imigrados alemães em Santa Catarina, que tendo direito à livre escolha do local ainda não se haviam decidido.

Uma vista de olhos a um mapa bem pormenorizado, apontará a situação de Blumenau. Está à margem do Rio Itajaí, de sorte que os colonos nos podem mandar, com facilidade, os seus produtos rio abaixo. Existem, aliás, pequenos barcos que sobem o rio para

carregar nos próprios locais da produção e, dispondo de terras férteis, os colonos podem produzir e ter compensação pelo seu trabalho.

Anteriormente, a Colônia fôra propriedade do Dr. Blumenau, de quem tomou o nome. Mas, não faz muito tempo, êle transferiu-a para o govêrno, ficando, apenas, e como funcionário remunerado, com a direção da mesma. Na colônia reina a melhor ordem e os colonos parece que vão prosperando bem. Naturalmente que êles terão de trabalhar tanto quanto em outros lugares; mas onde o ganho está em proporção ao esforço, isso se justifica plenamente. E também os verdadeiros lavradores parecem que não abandonam a colônia; todos os que regressaram à ilha eram, como geralmente acontece, artesãos que na Alemanha, viviam em grandes cidades e que, no sítio, entre gente do campo, onde não obtêm salário compensador, não se sentem bem.

Mas longe estavam de ser muito boas as informações que me foram prestadas sobre a Colônia Dona Francisca, cujos agentes hamburgueses pintam, muitas vezes, com faiscentes côres. E, contudo, ali tanto as comunicações com o interior como as com o mar, são muito mais fáceis que em Blumenau. Entretanto o solo é pobre e só com muito esforço compensa o trabalho.

Essa Colônia foi fundada pelo Príncipe de Joinville e muito ajudada pelo Govêrno, pois ali empregou-se muito dinheiro. A situação dessa colônia é extremamente favorável e na escolha do local deu-se a máxima atenção.



Boas estradas de comunicação são indispensáveis numa Colônia, mas elas não devem obedecer a uma única medida, pois, embora nem mesmo o melhor solo de um sítio pode valer alguma coisa sem caminho, assim também as estradas de nada servirão se a Colônia não produzir nada, ou apenas muito pouco.

Mas o que bem caracteriza a realidade das duas colônias é que Blumenau exporta produtos e gêneros alimentícios e entretanto Dona Francisca ainda tem que importar o feijão, a farinha e a mandioca.

O transporte para a Colônia Dona Francisca é mais fácil e mais barato, entretanto, acontecia enquanto eu estive em Santa Catarina, que todos os imigrantes eram aconselhados pelos alemães que ali moravam, que escolhessem Blumenau para o seu destino, e somente foram para Dona Francisca alguns que já haviam feito o contrato na sua Pátria.

Ademais, segundo tôdas as informações que ouvi, os alemães vivem bem e confortavelmente nas duas colônias e, com teatro de amadores e outros encontros sociais, procuram tornar a existência das colônias em algo mais que o lado prático apenas. Se a conclusão a que a respeito cheguei tem fundamento, não sei, porém afirma-se que em Dona Francisca o que há é «uma miséria brilhante» e muitos dos colonos que lá vivem e que pertencem às classes cultas estão enterrados em dívidas. Tomara que esse não seja o caso, e só refiro isso aqui porque fui assim informado por homens que deviam conhecer muito bem a situação ali.

Mais alto que Blumenau e também Itajaí, situa-se a Colônia Brusque, também com terras muito boas e em condições de valorizar os seus produtos. Mas os lotes ali foram medidos de uma maneira muito inconveniente, em quadriláteros regulares e sem nenhuma atenção aos acidentes topográficos e aos cursos de água, de sorte que um colono pode receber o seu lote de terras numa encosta de morro sem uma gôta de água, enquanto outro poderá receber o seu, cortado por dois ou três ribeirões. De resto já se está fugindo dêsse sistema de medição, que foi julgado inconveniente e prejudicial.

Além disso, há queixas contra o Diretor dali, um barão alemão, um homem que, a ser verdade, apenas, a metade do que se diz, é grandemente culpado de parcialidade e de irregularidades. As queixas, aliás, já foram levadas ao conhecimento do governo e serão certamente, bem investigadas a fim de que a Colônia não continue a sofrer em consequência delas. Isso aliás sucede muito no Brasil. E eu já verifiquei em muitos lugares que justamente os alemães, é que, quando se apanham com um pouco de autoridade nas mãos, são os mais mesquinhos e perseguidores. Em todo caso, pode servir-lhes de desculpas que eles, em sua Pátria, frequentaram boas escolas, mas, de qualquer forma é muito triste que a cousa fique assim. Que o presidente de Santa Catarina - aliás um excelente homem - naquele tempo estivesse doente e que a espôsa mandasse em seu lugar, e exatamente quando eu lá estive, sob geral indignação dos bem intencionados, empregasse um conhe-

cido tratante com alto ordenado, procurasse tirar do seu cargo um homem honrado que não a bajulava, não é nada de extraordinário, pois é coisa que ocorre em todos os outros lugares.

Aconteceu, além disso, em Brusque, que a Direção solicitou um certo número de soldados para a proteção da Colônia contra os índios. Mas, curiosamente, êsses guerreiros brasileiros, entre os quais se encontravam os maiores patifes, não estacionavam nos limites da Colônia, onde naturalmente deveriam permanecer, mas na margem do rio, nas proximidades da casa da Direção. Os bugres teriam, assim, que atravessar tôda a Colônia para chegar até êles e êstes eram aproveitados apenas contra os próprios colonos com os quais tiveram cenas bem desagradáveis.

O diretor foi investido também de autoridade policial desde que foi nomeado delegado, ou subdelegado, pelo Governo e quanto isso pode ser prejudicial a uma colônia verificou-se em muitos lugares no Brasil.

Entretanto, é-se obrigado a reconhecer que um tal cargo de Diretor de uma Colônia - quando o mesmo está na disposição de cumprir o seu dever - não é tarefa nada leve. Trabalhos e aborrecimentos êle terá bastante e, geralmente, muito mais que seriam necessários.

Eu, por mim, não vejo nenhuma necessidade de Diretor para uma tal Colônia, embora deva confessar que todos os diretores são de opinião diferente. As colônias alemãs no Peru não têm diretores, mas um prefeito eleito, e os colonos vivem em paz entre si muito mais talvez, do que se po-

deria dizer de algumas colônias brasileiras com diretores.

Em todo caso, conviria fazer-se uma experiência com uma colônia nova, sem dar-lhe diretor. E se os resultados fôsem favoráveis, o governo poderia economizar muito dinheiro e aborrecimentos e ter menor número de empregados. Não nego, entretanto que, em algumas colônias, são justamente os diretores que fazem muito bem, como o verdadeiro homem certo no lugar certo. Êsses casos, entretanto, podem ser contados pelos dedos e não devem ser tomados por regra geral.

Das colônias situadas mais ao norte, pouco e até nada sei. Mas, na opinião dos que conhecem aquêles lugares, tôda a extensão do Rio de Janeiro para cima, até os limites da zona tórrida no planalto, alemães poderiam manter-se bem e com saúde. Dona Izabel, por exemplo, na província de São Paulo, é tida por muitos alemães como uma «colônia modelo» porque ali também o diretor muito se esforça pelo empreendimento e é um homem muito ativo. O clima, ali, é completamente saudável e nem se deve pensar que seja demasiadamente quente. Mesmo no Rio de Janeiro, o termômetro não sobe além dos 28 graus, o que, aliás, por si só, não pode servir de exemplo para um clima moderado, pois, sob 18 graus o ano inteiro e trabalhando em trabalhos pesados, nem mesmo o corpo mais forte e mais saudável suportaria e acabaria morrendo de tanto calor. Nos planaltos do Brasil, porém, não pode a gente queixar-se do excessivo calor, pois, deixando eu certa vez Petrópolis, que fica acima do Rio de Janeiro, senti-me completamente gelado e dei gra-

ças a Deus quando me vi novamente em terras mais quentes.

Não devemos esquecer que, mesmo no Rio de Janeiro, está-se nos limites da zona temperada e que, com apenas mais de três ou quatro mil pés de altitude, alcança-se uma temperatura tal que a qualquer um fará bater os dentes em manhã de inverno.

Apesar disso, eu não me animaria a aconselhar algum imigrante a escolher o norte do Rio de Janeiro. Ali não haveria lugar para colonos. Estes não poderiam competir com o trabalho escravo. Os brasileiros instruídos têm o trabalho como vergonhoso e privilégio dos negros. Os colonos não seriam respeitados e, uma vez caídos nas mãos dos fazendeiros, teriam que pagar bem caro, com o seu suor, por muitos anos.

Não se pode, assim, deixar de recomendar sempre aos nossos patrícios alemães: «não façam nenhum contrato na Alemanha, cujas finalidades vocês ainda não poderiam compreender, por mais tentadores e honestos que possam parecer». Tudo, então, e sempre dependeria de se saber, se se está lidando com contratante honesto que, não posso negar, poderia existir, mas em todo caso são bem raros. Se êle entretanto quizer lográ-los terá a seu favor o fato de que os pobres alemães nem mesmo conhecem a língua do país, onde estão em terra estranha, traídos e vendidos, no verdadeiro sentido do termo, e incapazes de invocar a seu favor a proteção das leis.

Os agentes de emigração na Alemanha, na mão dos fazendeiros, trabalham gostosamente para si e para isso, pois ambos têm um único interesse e o colono estúpi-

do será, com verdadeira desumanidade, pescado por um e enviado ao outro.

«Estúpido colono» é uma designação nada apropriada, porque o nosso lavrador não é assim tão estúpido e têm até um certo grau de esperteza que o orienta, com instinto bastante seguro, para onde está o seu próprio interesse. Apenas, no que concerne à imigração, êle muitas vezes se sente como se tivesse levado uma cacetada na cabeça e só isso e a sua costumada desconfiança contra todos os que andam decentemente trajados, proporcionam oportunidade de colocá-lo nas mãos dos agentes, dando, a êstes, a mais perigosa das armas contra aquêle.

«Vá para lá» ou «não vá para lá», aconselham-no todos os que tratam honestamente com êle. «Porque não?», pergunta êle ao agente, que tem obrigação de conhecer as coisas, pois tem um grande navio à disposição e fala da América como se ali fôsse nascido e tivesse vindo uma única vez à Europa, em visita.

«Porque?», responde-lhe êle. «Porque êles querem mantê-los aqui, querem o seu suor e precisam das altas taxas que vocês pagam e porque êles invejam a felicidade que aguarda vocês lá na América. Por isso é que os governos publicam essas coisas nos jornais para que vocês sejam tão estúpidos em acreditar e, assim, êles possam segurar bem a vocês».

Tão inverossímil como isso possa soar, os colonos concordam perfeitamente. Os governos têm interesse que êles lá permaneçam. O agente tem toda a razão quando diz: «Que é que eu ganho com isso se eu disser a vocês que lá é

“bom se de fato não é; eu não ganho nem perco nada se vocês forem para aqui ou para lá». Isso é realmente um homem honrado, pois ele não tem interesse e seja para onde fôr que os mande, ficará tranquilo, mesmo que seja para um contrato de parceria no Brasil.

Nós outros temos que calejar os dedos de tanto escrever e mesmo que nos sirva de algum consólo podermos dizer a nós mesmos: “Fizemos a nossa obrigação, até mais. Quem for estúpido, tem que apanhar”, doe-nos ver tantos patricios caírem em arapucas armadas em tôda parte e, comumente o justo pagar pelo pecador. Realmente, que de mal fizeram as pobres mulheres para serem arrastadas para essa espécie de verdadeira escravidão?

Em Santa Catarina (Destêrro) eu conversei também com um grupo de pobres alemães que haviam se libertado dos seus contratos de parceria, muitos pela enérgica intervenção de H. von Mausebach, e que agora se dirigiam, por conta do govêrno, para as colônias que êles mesmos haviam escolhido. A descrição que êles me fizeram dos seus quase dez anos de cativo (não posso dar outra denominação) foi muito triste e o melhor testemunho do que narraram foi o miserável aspecto que apresentavam.

Em Santa Cruz eu encontrei também colonos que mal, ou apenas dez anos se encontravam no país, e que não trabalharam tão duramente como aquêles pobres patricios prêsos a tais contratos, e no entanto achavam-se satisfeitos nos seus sítios, em casas confortáveis, com grandes eitos de terra lavrada, com gado e cavalos

e, além disso, uma família saudável. E que triste figura faziam aquêles primeiros, esqueléticos, doentes, esfarrapados, e que não tinham economizado, naqueles longos anos, nem mesmo o dinheiro suficiente para pagar a sua passagem para outro lugar ou mesmo para comprar pão para seus filhos.

Essa foi a mais eloquente ilustração de todos os contratos de parceria que eu já vi no mundo e nunca poderei esquecer a resignação com que uma pobre mulher me disse: «Enfim, nós ao menos aprendemos alguma coisa nesses longos anos no Brasil e certamente merecemos, pelo menos, poder viver».

Essa gente foi aconselhada pelos alemães residentes ali a seguir para Blumenau e aguardam o próximo navio para viajar para lá.

O govêrno dá-lhes terra lá e, possivelmente, êles irão melhor que nos decantados e românticos cafêzais, nos quais êles tiveram que passar dez anos de sua existência como meio escravos.

Santa Catarina tem as suas próprias plantações de café e o produzido na ilha, de grãos bem maiores, é tido como o melhor de tôda a região.

Antigamente, havia também grande exportação de madeiras por êste pôrto. Mas, de forma extraordinária o govêrno, que constantemente faz maravilhosas experiências financeiras, gravou-a de tão pesadas taxas de exportação que não pode êsse gênero de comércio subsistir. Foram-me nomeados vários comerciantes que têm madeira empilhada nos seus depósitos, prontas para embarque

e que ali as deixam apodrecer, pois só têm tido prejuízos com a sua exportação.

A consequência natural disso é que toda a ilha não têm mais arrecadação e, exatamente durante a minha permanência nela, os cofres públicos achavam-se em tal estado que o governo não podia nem mesmo, pagar os funcionários.

Santa Catarina é também célebre no Brasil devido a uma sua indústria original, ou seja a de flôres artificiais que aqui são feitas, com maravilhosa habilidade, de diversos materiais. As mais comuns são as feitas com escamas de peixes; depois vêm as feitas com penas, no que concorre com o Rio de Janeiro e a Bahia. Outras, enfim, são feitas de fitas de sepilho. Aquela gente chegou a uma tal perfeição que é verdadeiramente admirável. E os preços por que se compram essas coisas é muito módico porque a mão-de-obra, principalmente das mulheres é muito barata.

Sobretudo, vive-se em Santa Catarina num clima maravilhoso e pelos preços mais baixos de todo o Brasil. Os doentes que, procurando mudança de clima, até agora escolheram a ilha da Madeira e ali não encontraram melhoras, no meu entender en-

contrariam aqui uma completa e rica compensação.

Sómente não tragam a esperança de encontrar coqueiros, como os vi descritos e em ilustrações nos antigos relatos de viagens. Em toda a ilha não há um único coqueiro verdadeiro e sim palmeiras reais se encontram plantadas na cidade e que crescem também entre outras variedades nos morros próximos em grande quantidade.

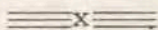
Maravilhoso é o panorama de Santa Catarina. E eu não posso lembrar-me de ter tido, em outra parte, maior prazer que ali, quando assistí a um pôr de sol, com um mar sereno em primeiro plano e os pitorescos morros da própria ilha, rodeados pela cidade querida, e a grande formação de Serra no continente fronteiro, em cinco sequências, perfeitamente definidas na variada gama de colorido.

Ó, como o mundo é belo! Tão maravilhosa e abundantemente Deus derramou os seus bens sobre a terra que só os sofrimentos humanos perturbam, não a harmonia do todo, mas a sua própria felicidade que o homem, tão facilmente e com bem poucos meios, poderia encontrar.

Tradução de J. Ferreira da Silva

---

**A** estação telegráfica de Florianópolis (então Destêrro) foi inaugurada em dezembro de 1866. A de Itajaí e a de Laguna em Janeiro de 1867 e a de São Francisco do Sul em fevereiro do mesmo ano.



**A** Agência do Correio de Lages foi criada em 1862.

# Pequena História Do Balneário De Camboriú

Por GUSTAVO KONDER

Supondo que, as duas ultimas gerações, desconheçam completamente que no início deste século, quase dois terços da inaravilhosa praia de Camboriu era de propriedade legal do meu pai - Marcos Konder - e do meu tio Alois Fleischmann, resolvi historiar, embora pàlidamente, o surgimento do atual famoso e decantado balneário.

Somente em 1912 a propriedade foi transferida para a firma Konder & Cia., cujos sócios eram os acima mencionados juntamente com a minha avó Adelaide Konder.

O tio Fleischmann, sempre fôra um homem de ideias progressistas, por isto resolveu, de sociedade com o meu pai e minha avó (1912/13), fazer ali uma grande plantação de pita (Agave rigida) para, mais tarde, servir de matéria prima para a projetada fábrica de cordas que, naquela época, eram muito procuradas para os navios e outros fins. A firma Konder encetou correspondência com diversos fabricantes de máquinas, na Alemanha, para fornecer prospectos e orçamentos. Infelizmente, um ano antes de rebentar a primeira Guerra Mundial, a aludida plantação fôra totalmente destruída pela praga de gafanhotos (*Shistocerca paransensis*, originados dos Chacos bolivianos), deixando apenas alguns pés que, ainda há poucos anos atrás, despontavam bonitos e garbosos em diversos trêchos da longa praia. Hoje já não existem, pois o espantoso progresso do balneário eliminou-os totalmente. Devo ainda explicar aos pacientes leitores que a firma Konder importou com muito sacrifício as sementes, da África e da India, para fazer as sementeiras.

Quando veio a maldita Guerra Mundial (em 1914), o grandioso plano da instalação da fábrica fracassou redondamente, causando muitos aborrecimentos para os idealizadores que haviam arriscado uma pequena fortuna.

Ainda me lembro, com muita saudade que, em 1913, o meu tio Fleischmann me levou de carroça para inspecionar as plantações já parcialmente estragadas. A praia, estava completamente deserta, porém maravilhosa, emoldurada por grandes arvores e centenas de gaivotas e biguás que voavam ou descansavam nas límpidas areias, cheias de milhares de conchas de muitos matizes. Existiam apenas algumas choupanas de pescadores míseros e subnutridos.

Alguns anos depois, de 1925 em diante, começaram a apontar, bem no centro da praia, as primeiras casinhas de veraneio, construídas, quase todas, por blumenauenses, entre eles: Jacob Schmidt, Arthur Rabe (o

velho), farmacêutico Paul Onken e sua esposa Da. Lilli e outros. O alemão Gerd Scheppers levantou o primeiro hotel. Assim, aos poucos, foram surgindo outras edificações modestas, em face da falta de uma estrada de rodagem e também de transporte. Quando o governador Adolfo Konder, meu saudoso tio, mandou retificar a antiga estrada de rodagem de Itajaí a Florianópolis, começou a crescente afluência de veranistas, vindos de outras plágas durante a época do verão.

Apesar de tudo, as grandes propriedades da Usina de Açúcar Adelaide, sucessora de Konder & Cia., continuavam intatas e, só em 1942/43 o meu pai, diretor presidente, resolveu vendê-las por meio de loteamentos. Este negócio também lhe trouxe terríveis dissabores e prejuízos, por causa da chicanice de diversos compradores, ambiciosos e inescrupulosos.

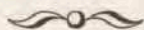
No ano de 1930, justamente na época da acirrada campanha política entre a Aliança Liberal e o Partido Republicano, um veranista e político opositor de Blumenau (prefiro não revelar o seu nome), instigou diversos pescadores e intrusos a boicotar a legitimidade das nossas propriedades, porém fracassaram por falta de documentos.

Do atual Hotel Fischer até ao extremo sul, o meu pai vendeu os lotes a um capitalista gaúcho, residente no interior do nosso Estado, por uma quantia irrisória (300 contos de réis) e depois, o mesmo comprador teve a ousadia de exigir a devolução do dinheiro, por causa de uns 15 metros faltantes! De fato houve um lamentável erro de cálculo por parte do agrimensor contratado. Para solucionar este caso, o meu pai, combatido de tantos desgostos, resolveu indenisá-lo com muitos contos de réis... Também apareceram outros casos idênticos, que, para não abusar da paciência dos amáveis leitores, deixo de mencionar.

A parte nordeste da praia, onde fica o atual majestoso «Marambaia», e outros edifícios imponentes, também pertenciam à família Konder. Hoje estas propriedades - norte e sul - valem muitos bilhões.

A família Konder ganhou, pelas vendas do loteamento, apenas uns 600 contos de réis (limpos), que foram logo absorvidos pela construção da nova Usina de Açúcar Adelaide, em Pedra d'Amolar, e que, infelizmente, também só trouxe aborrecimentos. Por causa disto, o meu saudoso pai, adoentado e cansado, resolveu transferir, por venda a parte social aos acionistas da Usina de Açúcar de Tijucas.

Antes de terminar esta história, devo confessar que, ao visitar o citado balneário, o que raramente acontece, sinto uma grande mágoa, pois as aludidas propriedades só serviram para dar enormes desgostos aos meus antepassados e, porque não dizer, a mim e à minha esposa também.



**E**m 1863, foi autorizado, pelo governo imperial, o vigário da freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, a prestar serviços na Colônia de Blumenau. O vigário era o Padre Francisco Gottoni.

# Aclimatação De Plantas Na Colônia

Nos fundos da Biblioteca Pública Municipal e do Museu da Família Colonial de Blumenau existe um parque botânico que a Prefeitura conserva tal como foi deixado pela sobrinha-neta do fundador da cidade, Edite Gärtner. Trata-se de um verdadeiro bosque com várias centenas de espécies vegetais, algumas delas exóticas, como a famosa «gyngko biloba», a árvore sagrada dos chineses e considerada um fóssil vivo. Sôbre esta última, já escrevemos algo em um dos números anteriores desta publicação. O que, a êsse respeito, ainda não foi dito é que o exemplar existente no parque blumenauense é o mais antigo existente no Brasil. Já tem mais de um século de existência.

O parque de que tratamos, fêz parte do conjunto do lote que o Dr. Blumenau, fundador desta cidade, reservara, logo no início da colonização, para si próprio. E ali o mesmo Dr. Blumenau organizou um viveiro de mudas, tanto para a arborização das ruas que fôssem sendo abertas, como para distribuição entre os colonos. Desde o início da colonização de Blumenau, os seus habitantes tinham singular interêsse e grande amor pelas plantas. Dos relatórios anuais e da correspondência do fundador com as autoridades e com particulares ressalta o zêlo que o Dr. Blumenau tinha para com a flora. Mandou buscar em várias partes do Brasil e mesmo de outros países, sementes e mudas, tratando com carinho da sua aclimatação às margens do Itajaí.

Daí porque, ainda hoje, além da citada «gyngko biloba» crescem no parque blumenauense palmeiras do norte do Brasil, bambus importados da Ásia e curiosas espécies vegetais desconhecidas em outras regiões do Estado.

As considerações acima foram-nos inspiradas por um fato curioso de que bem pouca gente tem notícia. É que, já em 1867, o viveiro que o Dr. Blumenau organizara e do qual o seu sobrinho Victor Gaertner tomava conta, possuía as seguintes mudas, conforme se verifica da relação que o último enviara ao Ministério da Agricultura: 12 espécies de damasco, do Versailles, de Syria, de Moorpark, de bauge etc., 15 espécies de pêssegos, Grosse Mignone, de Malte, Chevreuse e outros; 18 espécies de ameixas, 5 das quais de Reine Claude, Monsieur, Mirabelle



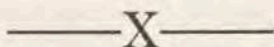
etc.; 4 espécies de amendoas, doce, amarga, casca grossa e casca mole; 13 espécies de maçãs, Pepin, Gravenstein, reinette doré etc.; 10 espécies de peras, Beurré, Louise Bouche, William e outras; 7 espécies de cerejas, groitte de Portugal, Montmoremy, Bigarreau; 7 espécies de romãs, Legrelli, fruit, doux etc.; 37 espécies de uvas, como Berlington, Delaware, Diana, Riesling, Moscatel e outras; 8 espécies de laranjas, de que não se sabia os nomes; 10 espécies de ananás, como abacaxis, Jamaica, Caiena etc. Além de mudas dessas espécies, havia-as, ainda, de nozes, castanhas, abacate, fruta-de-conde, grumixama, jabuticaba, ata, araçás, pitanga, gabirola, ameixa do Pará, jambo, nesperas, figos etc. A relação apresentada por Victor Gaertner, concluía assim: «Além das plantas na relação mencionadas, existem diversas espécies de árvores frutíferas, cujos nomes não conheço e que foram trazidas de outras províncias do Império».

Ainda hoje existem no Parque «Edite Gaertner» muitas das árvores plantadas no viveiro de que falamos. Daí á razão de ali se encontrarem várias espécies, também, que não existem em outras partes do Estado.

Como se vê, naqueles recuados tempos; com mais de um século a nos separar dêles, havia mais interêsse do que hoje no cultivo de árvores frutíferas e de adôrno.



O paquete “São Lourenço”, de que foi comandante o pai de Virgílio Várzea, o grande escritor catarinense, fazia viagens regulares entre os portos de Pôrto Belo, Itajaí Gaspar e Saguçu. Sua força era de 40 cavalos e tinha acomodações para 25 passageiros de ré e outros tantos de proa. Em 1882, em 36 viagens, navegou 14.400 milhas, sua velocidade era de 8 milhas e calava 4,5 a 6 pés. Transportou, nesse ano, 1.062 passageiros. Subiu, muitas vézes, o Itajaí Açu, chegando até Gaspar, não vindo a Blumenau senão uma vez, durante uma enchente do rio. Isso porque os baixios de Belchior impediam que ultrapassasse além da vizinha cidade.



Uma das primeiras exposições nacionais, realizadas no Brasil, de produtos da lavoura, da pecuária, das indústrias e mineração teve lugar a 2 de dezembro de 1861. O local foi o do edificio da Escola Central, no Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro. Os produtos e objetos expostos seriam, depois, expostos em Londres, na Exposição Universal ali realizada.

# Estante Dos "Cadernos"

(LITERATURA CATARINENSE)

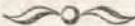
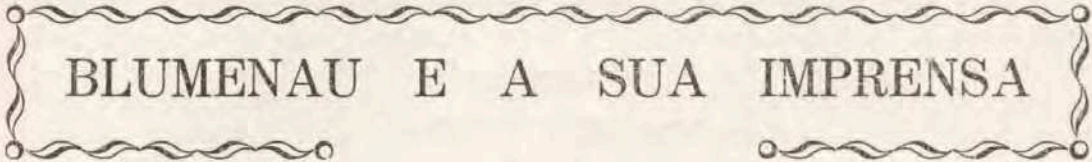
**"Itajaí de Ontem e de Hoje"** - Afonso Luis da Silva - Gráfica Mercúrio Ltda. Brusque SC. - 68 páginas, formato 15,5 x 23 cm. Cr\$ 8,00 - Surge, afinal, um estudioso do passado de Itajaí, situando os fatos relacionados com a fundação da cidade e do desenvolvimento do Município nos devidos lugares, pondo t $\text{\`e}$ rmo a vers $\text{\`o}$ es absolutamente divorciadas da realidade hist $\text{\`o}$ rica.  $\text{\`E}$  efetivamente de se estranhar que, numa comunidade onde floresceram tantas e t $\text{\`a}$ o belas intelig $\text{\`e}$ ncias, ningu $\text{\`e}$ m se tivesse aprofundado em pesquisas para conhecer as nascentes do povoamento e a cria $\text{\`c}$ o do curato, origem da atual e simp $\text{\`a}$ tica cidade da foz do Itajaí A $\text{\`c}$ u. Desde que Marcos Konder (a cuja mem $\text{\`o}$ ria jamais deixamos de render o culto da nossa admira $\text{\`c}$ o e do nosso respeito), baseado nas mem $\text{\`o}$ rias de Vasconcelos Drumond, apontou  $\text{\`e}$ ste como fundador de Itajaí, acreditando em muitas das fantasias contidas na sua biografia, n $\text{\`o}$ s duvidamos das afirma $\text{\`c}$ oes expressas na «A Pequena P $\text{\`a}$ t $\text{\`r}$ ia». N $\text{\`a}$ o t $\text{\`i}$ nhamos, por $\text{\`e}$ m, documenta $\text{\`c}$ o s $\text{\`o}$ lida em que nos basear, para, p $\text{\`u}$ blicamente, contestar fatos que s $\text{\`o}$  existiram na imagina $\text{\`c}$ o f $\text{\`e}$ rtil e na gabolice do j $\text{\`o}$ vem protegido do ministro Vilanova Portugal. T $\text{\`a}$ o logo, por $\text{\`e}$ m, tivemos oportunidade de passar algumas semanas no Arquivo Nacional, compulsando a farta documenta $\text{\`c}$ o, ali existente, s $\text{\`o}$ b $\text{\`r}$ e o gov $\text{\`e}$ rno de Tovar e Albuquerque, pudemos ver confirmadas as d $\text{\`u}$ vidas que, seguidamente, hav $\text{\`i}$ amos manifestado a respeito da veracidade das afirmativas de Drumond. E, dando publicidade a essa documenta $\text{\`c}$ o, editamos dois folhetos demonstrando, fartamente, que Vasconcelos de Drumond n $\text{\`a}$ o s $\text{\`o}$  n $\text{\`a}$ o tinha fundado Itajaí como, nem mesmo, jamais pusera p $\text{\`e}$  no terreno s $\text{\`o}$ b $\text{\`r}$ e que se estende hoje a cidade.

Afonso Luiz da Silva, no seu livro situa bem a controv $\text{\`e}$ rsia e concorda plenamente conosco, como tamb $\text{\`e}$ m o haviam feito, em carta que guardamos, Lucas Boiteux, Carlos da Costa Pereira e, em palestra que mais de uma vez mantivemos, o saudoso Henrique Fontes. Achamos, apenas, que o autor de «Itajaí de ontem e de hoje», em futuras edi $\text{\`c}$ oes do seu excelente livro, poder $\text{\`a}$  ser mais categ $\text{\`o}$ rico, pondo de lado t $\text{\`o}$ das as afirmativas de Drumond, referentes  $\text{\`a}$  sua atua $\text{\`c}$ o  $\text{\`a}$ s margens do Itajaí Mirim, porque nenhuma delas representa a realidade dos fatos. Drumond nada f $\text{\`e}$ z, nem no Itajaí A $\text{\`c}$ u nem no Mirim, embora a  $\text{\`e}$ ste deveria  $\text{\`e}$ le ter dado os seus servi $\text{\`c}$ os, de conformidade com as ordens expressas, recebidas do gov $\text{\`e}$ rno real pelo aviso de 5 de fevereiro de 1820. E, quanto ao verdadeiro fundador de Itajaí, pode-se, sem qualquer sombra de d $\text{\`u}$ vida, atribuir a Agostinho Alves Ramos as origens da p $\text{\`o}$ v $\text{\`o}$ a de que resultou a bela cidade, ber $\text{\`c}$ o de Lauro M $\text{\`u}$ ller, dos irm $\text{\`a}$ os Konder, dos irm $\text{\`a}$ os Fontes e de tantas outras intelig $\text{\`e}$ ncias peregrinas que honraram a cultura catarinense.  $\text{\`E}$ le, Alves Ramos, n $\text{\`a}$ o foi o primeiro mo-

rador das terras do Itajaí. Disso todos sabem. Mas, o que não padece dúvida, é que êle chegou à foz do Itajaí Açu com o intuito de ali fundar um povoado, tanto assim que já trouxera consigo o padre que se ocuparia da construção de uma capela e da criação do curato.

O livro de Afonso Luiz da Silva merece os mais destacados louvores pois representa mais um grande e válido esforço no sentido de restabelecer a verdade histórica. Merece igualmente, não só aplausos do poder público, como, também, ajuda no sentido da sua mais ampla divulgação.

J. F. S.

## BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

LXXVI

“A VANGUARDA”

Em abril de 1951 apareceu o primeiro número de uma revista destinada ao noticiário e à defesa dos interesses do Esporte, Cinema e Rádio. Formato 16x23 cm. 30 páginas, com capa colorida. «A Vanguarda» tinha como fundador e diretor Israel J. Costa, secundado por Américo Xavier. Tinha redação na Travessa 4 de fevereiro (atual rua Ângelo Dias), 235. Em seu editorial de apresentação, dizia: «A Vanguarda», em sua várias seções, fartamente ilustradas com clichês artisticamente desenhados, procurará colocar os leitores sempre ao par dos últimos acontecimentos desportivos, como também o que vai pela sociedade blumenauense». Artigos de Cássio Medeiros, Orlando Mello e outros, noticiário desportivo abundante, com clichês dos principais times, notícias sociais, anedotas etc. diversificam o texto.

Desapareceu com o número 2, de maio. O Arquivo Histórico possui êsses dois números.

LXXVII

“DUQUE DE CAXIAS”

Êsse o título de uma revista mensal publicada pelo Grêmio Esportivo «Duque de Caxias», de Blumenau, e cujo primeiro número apareceu em maio de 1951. De pequeno formato (16x24 cm.), geralmente com 24 páginas, ilustradas com clichês de grupos esportivos locais. Era dirigida e redigida por oficiais e sargentos do 23º R.I. Diretor Responsável, major Newton Machado Vieira; redator Cap. José Lopes de Oliveira e gerente o aspirante Milton Fonseca. Era destinado quase que exclusivamente ao esporte local, com noticiário, informações e artigos relativos à técnica das várias modalidades de jogos, conselhos e indicações

sôbre cultura fisica etc. O então major Newton Machado, presidente do G. E. «Duque de Caxias» e, mais tarde, comandante do 230. R.I.; assina nos primeiros números, interessantes artigos sôbre «História do Remo», «Futebol», «Arte de Remar», etc. Outros oficiais, como Walter Paiva, Ênio Konrad, Wilson Santiago subscrevem artigos interessantes. Algumas poesias, entre estas uma de Aiga Barreto. Em abril de 1952, o major Newton Machado foi transferido para o 8º. R. I. no Rio Grande do Sul, tendo, assim, que deixar esta cidade, a presidência do «Grêmio» e a direção da revista. Substituiu-o nesta o Tte. Aroldo Veiga. Foram também substituídos o redador e o gerente pelos Tte. Kleber Ribeiro e sargento Edmundo Brueckheimer, respectivamente. Não sabemos se a revista durou mais de um ano. O último número que consta da nossa coleção é o nº. 12, de abril/maio de 1952. Graças à gentileza do coronel Ênio Konrad, que nô-los doou, o Arquivo Histórico possui os números 2, 3, 7, 11 e 12.

### LXXVIII

#### «ESPORTE JORNAL»

Em 1951, sob a direção dos jornalistas Evelásio Vieira e José Gonçalves, apareceu, com o título acima, uma folha semanal dedicada exclusivamente a assuntos esportivos.

Infelizmente, na oportunidade não podemos dar maiores informações sôbre êsse periódico, em virtude de não termos conseguido nem mesmo um único dos números publicados.

Tão logo entretanto, consigamos elementos concretos, falaremos a respeito da vida dêsse jornal que, segundo noticias de pessoas autorizadas, teve duração de mais de um ano.

### LXXIX

#### «O ACADÊMICO»

Em seu livro «Perfis de alguns catarinenses ilustres», Zedar Perfeito da Silva, traçando o perfil de Antenor Tavares, escreve: «Em Blumenau, no Ginásio Santo Antônio, terminou o curso secundário. Nesse estabelecimento de ensino foi redator-chefe do jornal «O Acadêmico», assim denominado porque era o porta-vz da classe e presidiu à sua associação estudantil».

Ê a única referência que, até agora, tivemos sôbre êsse jornalzinho, motivo porque limitamo-nos, aqui, apenas, a citá-lo. Envidaremos esforços no sentido de localizar, pelo menos um dos exemplares publicados para, então, voltarmos a tratar dêle.

### LXXX

#### «CORRESPONDÊNCIA»

Como órgão da Sociedade dos Amigos de Blumenau, surgiu em

julho de 1953, o primeiro número de um interessante periódico com o título acima. Formato 22,5 x 30 cm., geralmente com 8 páginas. Sem indicação de redator e responsável, sabemos que o mesmo jornal era dirigido e redatoriado por Frei Ernesto Emmendoerfer e por Frederico Kilian, fundadores e integrantes da diretoria daquela Sociedade. Aliás êsses dois denodados batalhadores da causa da preservação das nossas tradições, foram os esteios do jornal, tendo-lhe dado, durante a sua curta existência, todos os seus esforços e inteligência. Do artigo de apresentação, assinado por Frei Ernesto, consta entre outras razões motivadoras da criação do jornal, o seguinte: «Impedida como se acha, agora, a Sociedade dos Amigos de Blumenau de concretizar grande parte dos seus objetivos, por falta de local onde possa exercer as suas atividades, para apresentar alguma coisa, a Diretoria resolveu editar, desde já, um boletim que será distribuído gratuitamente entre os amigos de Blumenau. Escolheu-se para título do órgão publicitário o nome de «Correspondência», com que fica caracterizado como meio de comunicação e intercâmbio entre os associados: correspondência é troca de idéias ou pensamentos através da palavra escrita. Para ser profícua e produtiva a correspondência não deve ser unilateral. O interesse é tanto do expedidor como do destinatário que deve (co-) responder... Começaremos «Correspondência» modestamente, com poucas páginas mensais. Quando a SAB estiver em pleno funcionamento, organizar-se-ão as diversas seções do periódico, tornando-o, assim, mais variado e interessante. Além do movimento da Sociedade sempre se publicará uma parte documentária que, por sua natureza, não pode deixar de ser valiosa. No correr do tempo, os números de «Correspondência» constituirão valioso repertório de informações preciosas sobre o Vale do Itajaí e especialmente sobre Blumenau, e, por isso, merecem guardados».

Infelizmente o prognóstico não se realizou. «Correspondência» não conseguiu viver além de 8 números, publicados esporadicamente. Deveria ser mensal. Mas já o segundo número só apareceu em outubro de 1953, o terceiro em janeiro do ano seguinte, o quarto em janeiro de 1954, o quinto em fevereiro de 1955, o sexto em março desse mesmo ano, o sétimo em agosto de 1956 e, finalmente, o 8º e último em outubro, também de 1956.

Conforme prometido na apresentação, o jornal, além de farto noticiário sobre as atividades sociais, trazia sempre artigos interessantes sobre o passado de Blumenau, transcrição de documentos oficiais antigos, cópias de atas, informações históricas de grande importância para os pesquisadores do passado de Blumenau.

Foi pena, porque a sua publicação despertara muita simpatia entre os blumenauenses e poderia, por isso, com a cooperação de todos, tornar-se um valioso repositório de informações históricas.

LXXXI

« O ESTUDANTE »

Afirmando que «para grande júbilo e satisfação dos que propugnam

por uma causa justa, a Diretoria da União Blumenauense de Estudantes torna realidade o que antes acalentava como um sonho», apareceu, em junho de 1955, o primeiro número do «O Estudante», órgão cultural e informativo. Saía sob a direção de Marcos Heusi e gerência de Salomão Pamplona. Formato 29x39cm., com 10 páginas. O artigo de apresentação prossegue: «... é necessário que os estudantes se unam com os mesmos ideais, para unidos defenderem os sãos princípios da moral e da justiça, agindo sempre com imparcialidade e honradez. Apresentará («O Estudante») boas leituras incentivadoras, indicará os direitos e obrigações dos estudantes, conterà curiosidades e humorismos, esportes, deliberações da UBE e assuntos diversos. Sem esforço nada se consegue e para que este memorável certame idealístico continue aceso em nossos corações, deve haver boa vontade de todos, otimismo, esperança e perseverança».

Surgiu como mensário. Já com o terceiro número muda-se o quadro redatorial: Heimo Cardoso entra para a redação e Ingo Lippel para a gerência. Com o número 4, Werner Greul ocupa a secretaria do jornal. Em outubro (nº5) o redator passa a ser Edison Müller. Do nº 7, de Dezembro, já não constam os nomes de Marcos Heusi, como diretor e de Werner Gruel. A direção passa a ser exercida por Ingo Lippel. Paulo Roberto de Oliveira figura como secretário do nº 9 até 12. Neste figuram Etevaldo Silva, como gerente e Rúbio Moreira da Costa como secretário. A direção passa a Edison Müller e a redação para Sérgio Scheeffler de agosto de 1956 em diante.

Não poderemos - tais e tantas foram elas - acompanhar as constantes mudança de diretores, redatores e gerentes durante toda a longa existência do periódico. Essas alterações, aliás, são perfeitamente compreensíveis num órgão de agremiação estudantil que, por sua vez, sorfeou constantes mudanças nos seus quadros diretores.

Durante a existência do «O Estudante», foram seus diretores, além dos três já citados: José Márcio Marques Vieira, Mário Tomelin, Alfredo Tomelin, Bento Bastiani, Aldo Altemburg, Amilton Leal, André Zunino, Luiz Antônio Soares, José Carlos Brack e outros cujos nomes não nos foi possível descobrir, tanto mais quanto do ano quinto ao oitavo da existência do «O Estudante» não possuímos nem uma única edição em nosso Arquivo. Têmo-las, apenas, a partir do nº 1 do primeiro ano até o ano IV e o ano IX, com falta de alguns números.

«O Estudante» mudou algumas vezes de formato. Do ano IX até o n. 1 do ano XIII, apareceu nas medidas de 24,5x32cm. Em julho de 1962 êle aparece em nova fase, com a indicação do Ano I, n. 1 e no formato de 32x47 cm. Não houve muita regularidade na sua publicação, tendo havido várias interrupções mais ou menos longas.

Deixou de ser editado em 1967.

Foi um órgão que muito batalhou pelos direitos da classe estudantil, fazendo-se o baluarte de muitas de suas reivindicações. Farto noticiário da UBE, dos principais acontecimentos da vida dos educandários locais e, inclusive, dos fatos sociais de maior destaque.

Cumpriu bem a sua nobre missão o destemido órgão da União Blumenauense de Estudantes.

# Distribuidora Catarinense De Tecidos S/A.

Rua XV de Novembro, 25 — Caixa Postal, 157

Telegrs.: "DISTRIBUIDORA"

Fones: 22 - 0825 e 22 - 0827

## BLUMENAU - S.C.

Tecidos e Artefatos das Melhores Fábricas Têxteis do País

Vendas Sómente Por Atacado

# Electro Aço Altona S. A.

Rua Eng<sup>o</sup> Paul Werner, 925 - Fones 22-0422 e 22-0738

Caixa Postal, 30 — Telegrs.: ELAÇO

BLUMENAU

Fundição Elétrica De Aços Comuns E Especiais Para:

Indústrias Automobilísticas

Fábricas de Cimento

Companhias de Dragagem

Fábricas de Máquinas

Equipamentos de Britagem,  
de Terraplenagem,

Reposição e de Manutenção.

Batalhões Rodo-Ferrovíarios

Fábricas de Tratores

## DESDE 1933

A PROCEDÊNCIA GARANTE A QUALIDADE